

Psicogeografia do Porto da Barra



PMS / FMLF	
BIBLIOTECA	
Data: 01/12/2013	
Admissão: Oliveira	Página: A2
Assunto: Bairro	
Barra	



Lourenço Mueller

Arquiteto e urbanista

muellercosta@gmail.com

Moradora da praça em frente ao Forte de Santa Maria, nadadora premiada, professora de natação de idosos e crianças e idolatrada por eles, Sulamita Gois de Araujo ninguém conhece, mas se você perguntar por "Peixinho", do pivete ao PM: sabe de quase tudo que acontece, noite e dia, naquele pedaço de praia, na verdade, a "sua" praia. Não tem papas na língua para denunciar coisas erradas de verdade ou que considera erradas; poderia ser uma espécie de *ombudsman* do local, se auditorias fossem instituídas para os logradouros, porque ouve a todos, tem opinião formada sobre tudo.

"Alemão" (Rogério Santos da Silva) é também outra figura antológica do bairro; "guardador de carros", mora no outro extremo da cidade, mas marca presença no Porto desde as 6 da manhã, e por sua permanente incontinência verbal contra o mundo, foi apelidado "o indignado", em homenagem ao monólogo teatral que fez, fama na cidade. Essas personagens e mais um lote de frequentadores, uns para o ócio, outros pelo negócio, estão na expectativa da intervenção urbanística que está sendo feita. E eu também.

No dia 7 de outubro houve a assinatura da ordem de serviço para o início das obras de requalificação da Barra, em contêineres modernamente adaptados como prova de atualidade e com participação de variada fauna de políticos e outros. Os primeiros falaram e os outros ouviram. Pela primeira vez vi político elogiar técnico, no caso o prefeito ao arquiteto autor do projeto, destacando a concepção e a qualidade do seu desenho urbano.

As dificuldades naturais de estacionamento e de acesso, para os que têm carro, os engarrafamentos, a irritabilidade, que inevitavelmente aumentarão mais ao longo das obras, todas essas queixas podem ser consideradas naturais em qualquer intervenção – as pessoas não são obrigadas a adivinhar o espaço físico em suas transformações antes de elas ocor-

rerem, e há uma natural má vontade com mudança nesta terra de gente conservadora.

Todavia, mostrar projetos à população antes de começarem as obras não tem sido uma prática e o máximo que se via antes eram audiências da Louos, obrigadas pelo Estatuto da Cidade, com plateia direcionada e arrogância explicativa. Péssimos tempos, responsáveis por essa herança de equívocos que aí está.

A cartografia psicológica dos sentimentos não entra no contrato com a empreiteira, talvez, se muito, uma assistente social para ouvir os mais queixosos e "encaminhar" – como se diz quando não se quer ou não se pode dar uma solução ao problema – o vivente. Aliás, o estande tem horário de funcionamento, funcionários explicando o projeto, coisa de país desenvolvido.

Em 1967 em Paris, Guy Debord, homem de vanguarda, qualificou de "espetáculo" o que Marx chamou de "alienação" e criou um movimento que tem conexões com uma cidade que se autoproduz a partir dos seus habitantes, valorizando o lúdico: entendia que a sociedade é que deveria mudar a arquitetura e o urbanismo e não que estes poderiam mudar a sociedade.

Talvez os engenheiros que vão realizar a obra nunca tenham ouvido falar de Debord, nem dos desdobramentos do seu pensamento, o situacionismo. Nem é para tanto, mas seria bom que a Odebrecht, empresa que tem valorizado os artistas locais, assuma o assunto como superação da mesmice e da mediocridade em nova forma de fazer urbanismo.

A cartilha neoliberal apoia-se em parcerias público privadas (PPP) para fingir que consulta a comunidade, aproveitando-se de que, hoje, planejamento governamental é nome feio em outra cartilha, justamente naquela onde ele deveria ser mais respeitado, valorizado e promovido. A "construção de situações" poderia se configurar em programas capazes de gerar ambientes apropriados à vivência, que é tudo que uma cidade precisa para ser feliz.

Para arrancar *Salvadolores* desta duradoura maldição de incompetência institucional e política, quaisquer que sejam as estratégias de intervenção urbanística deverão ter como condição prioritária, além de minimizar o automóvel, considerar os usuários do bairro em seus hábitos e costumes.